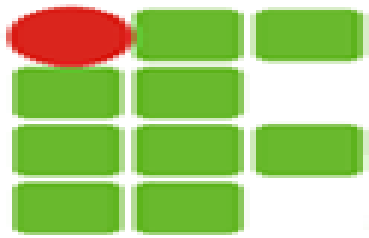


INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SÃO PAULO

Márcia Aparecida Francisco Soares

Ecopedagogia: uma contribuição para um novo paradigma educacional

SÃO PAULO
2010



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SÃO PAULO

Márcia Aparecida Francisco Soares

Ecopedagogia: uma contribuição para um novo paradigma educacional

Trabalho apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo no Curso de Pós Graduação *Lato-Sensu* Especialização em Formação de Professores com ênfase no magistério superior como requisito para obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Profa. Dra. Delacir Ramos Poloni

São Paulo
2010



Márcia Aparecida Francisco Soares

Ecopedagogia: uma contribuição para um novo paradigma educacional

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Delacir Ramos Poloni
Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia/SP

Prof. Ms. Joaquim Chagas Neto
Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia/SP

Profa. Ms. Hermínia Belmira de Almeida
Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia/SP

Aos familiares, pelo apoio e incentivo e por acreditarem em mais esta possibilidade de formação pessoal e profissional.

*Aos amigos de turma que
compartilharam momentos de
alegria e de tristeza neste tempo
juntos.*

AGRADECIMENTOS

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, que nos proporcionou a oportunidade de concluir este curso.

Aos mestres, pelo incentivo e apoio, dando condições de crescimento intelectual para a realização deste curso.

A professora Delacir Aparecida Ramos Poloni, pelo incentivo e auxílio na confecção deste trabalho.

Ao Professor Diamantino Fernandes Trindade, por sua dedicação, competência e responsabilidade com a profissão e com os alunos.

Ao Professor Fábio Alberti Cascino, Doutor em educação pela PUC-SP, Pedagogo, Autor de trabalhos sobre Educação Ambiental, Interdisciplinaridade e ecoturismo, pelas propostas de reflexões sobre o tema.

***O mundo que vamos deixar para
nossos filhos, depende dos filhos que
vamos deixar nesse mundo
(autor desconhecido)***

RESUMO

O presente trabalho propõe reflexões sobre a construção de novos paradigmas educacionais baseados nos conceitos da “*Carta da Terra*” e em autores que têm uma literatura voltada para uma nova proposta para a realidade educacional, priorizando a construção de uma Sociedade Global mais justa. Esta proposta viabiliza uma condição responsável, ética e equilibrada, que valorize os seres humanos, os seres vivos e o Planeta Terra. Uma educação e um ambiente que possam garantir um futuro para o planeta e para as próximas gerações, com qualidade de vida centrada em pressupostos da sustentabilidade e meio ambiente no respeito aos seres humanos, à fauna, à flora entre outros.

Palavras-chave: sustentabilidade, ecopedagogia, sociedade global, cidadania planetária

ABSTRACT

This work aims to propose reflections on the construction of new educational paradigms based on concepts of the “*Earth Charter*” and authors that the literature has focused on a new educational reality, prioritizing the construction of a Global Society, more just, responsible, ethics and balanced, that values human beings, living beings and the Earth. An education that can ensure a future for the planet and for future generations, with quality of life, centered on concepts of sustainability and respect for people, fauna, flora and environment

Key words: Sustainability, Ecopedagogy, Society Global, Planetary Citizenship.

SUMÁRIO

Introdução.....	12
Desenvolvimento Teórico e Metodológico.....	15
1. A globalização e a sociedade planetária como novo paradigma civilizatório.....	22
1.1 Globalização e consumo na sociedade capitalista.....	27
2. A ecopedagogia como referencial para o processo da educação cidadã.....	31
3. A cultura da sustentabilidade e a mudança de paradigmas.....	38
4. Aspectos pedagógicos na construção de caminhos para a construção de novos paradigmas educacionais.....	43
5. A construção de uma educação voltada para a cidadania planetária..	49
6. A “ <i>Carta da Terra</i> ” como eixo norteador da ecopedagogia.....	53
7. A planetariedade como novo paradigma.....	56
8. Considerações finais.....	60

ANEXOS

ANEXO I - O texto da carta da terra.....	61
ANEXO II - Carta da ecopedagogia.....	72
ANEXO III - Carta da transdisciplinaridade.....	76

INTRODUÇÃO

Diante do desejo de pesquisar a temática da Ecopedagogia, verificou-se que haviam vários pesquisadores envolvidos no processo de construção da **Ecopedagogia ou Pedagogia da Terra**. Com o início das leituras, foi possível inteirar-se das dimensões do seu conteúdo e de sua importância na construção de um novo paradigma educacional.

Como profissional de educação na área das ciências humanas embora não sendo uma ambientalista convicta, a autora sempre teve uma preocupação com o meio ambiente, que foram concretizadas em ações cidadãs, de cuidados com o meio ambiente, com o consumo consciente, separando e reciclando o lixo, colaborando para um mundo mais verde, plantando árvores e arborizando os espaços, desenvolvendo atitudes ecológicas e conscientes com seus alunos, orientando-os para questões referentes à preservação ambiental, qualidade de vida, sustentabilidade e justiça.

Ao ouvir falar pela primeira vez o termo Ecopedagogia em um curso sobre a “*Carta da Terra*”, oferecido pela Prefeitura Municipal de São Paulo, houve o despertar do interesse e o início das pesquisas sobre o tema, que estava relacionado com a Geografia.

A autora deste trabalho, como professora de Geografia, além do interesse profissional pelas questões relacionadas ao meio ambiente, sentiu uma indignação com relação à falta de respeito, de ética, de cidadania e de

solidariedade e, portanto, passou a ter uma especial dedicação ao estudo e à pesquisa sobre a ecopedagogia.

As pessoas não se respeitam, sujam as ruas e os espaços públicos, são escravas do consumo desenfreado e não se preocupam com o futuro do nosso planeta. Por visarem apenas o lucro imediato alimentam diariamente o mercado capitalista mundial consumindo bens e produtos nem sempre necessários.

Essa realidade pode ser transformada com uma educação mais voltada para o “ser” e não para o “ter”, uma educação com uma visão ampla, não só a aquela recebida na escola, mas também a da família, da comunidade e, principalmente, dos meios de comunicação.

Deve-se acreditar que mudanças são possíveis, que tudo depende da vontade de cada um e que existe a possibilidade de ensinar questões de ética, cidadania e solidariedade para próximas gerações a fim de garantir um futuro social melhor.

A dedicação a este estudo tem a finalidade de demonstrar que soluções existem, são possíveis e estão acessíveis a cada um que queira transformar e educar a sociedade para um mundo melhor e mais saudável.

Uma Sociedade Global justa e sustentável, com respeito ao meio ambiente e ao Planeta Terra é possível, conforme ideário veiculado na “*Carta da Terra*”, um documento elaborado com a intenção de fazer respeitar a Terra e a vida em toda a sua diversidade.

No texto da “*Carta da Terra*”, ações para preservação ambiental ficam claras e definidas e a proposta é que ela seja um documento com a mesma

importância da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que seja reconhecida e exercitada por todas as nações do Planeta, já que as pessoas que contribuíram para sua elaboração pertencem a diversos países.

A proposta é que no futuro todos nós possamos ter um endereço comum, que é o Planeta Terra, quando então seremos cidadãos planetários, com atitudes de respeito e de carinho para com o próximo e com o Planeta em que vivemos.

Poderemos ter todo um acervo tecnológico e de desenvolvimento, mas estaremos muito mais preocupados com questões referentes à ética e à cidadania. A sustentabilidade será então exercida por todos os países, que terão objetivos comuns em relação à preservação ambiental.

DESENVOLVIMENTO TEÓRICO E METODOLÓGICO

A sociedade mundial passa por um processo de mudanças sociais, políticas e econômicas que interferem direta ou indiretamente na vida de cada um dos seus componentes, pois o mundo globalizado integrou não só os povos e suas culturas, mas também os problemas locais que passam a ter dimensões globais, digamos:

...Os últimos anos do século XX testemunharam grandes mudanças em toda a face da Terra. O mundo torna-se unificado em virtude de novas condições técnicas, bases sólidas para uma ação humana mundializada. Esta, entretanto, impõe-se à maior parte da humanidade como uma globalização perversa. (Milton Santos, 2009, p. 37).

Nenhuma mudança é tão significativa e marcante quanto as mudanças ambientais, que têm alterado os fenômenos naturais no planeta, colocando em risco a vida dos seres vivos.

O desenvolvimento econômico, aliado às grandes descobertas científicas, proporcionou um avanço tecnológico muito rápido, fazendo com que os bens materiais tornem-se ultrapassados num curto período de tempo.

Para estar sintonizado com a modernidade é necessário consumir sempre e mais rapidamente os produtos mais avançados e deixar de lado o que é obsoleto ou ultrapassado, gerando com isso montanhas de lixo diariamente.

A produção em larga escala de bens de consumo não prioriza o manejo sustentável dos recursos naturais, os quais estão se esgotando, em virtude sobretudo do:

“[...] potencial destrutivo gerado pelo desenvolvimento capitalista (...que...) o colocou numa posição negativa com relação à natureza. Essa situação não é consequência de desastres naturais ou de mero acaso. É fruto de um modelo de desenvolvimento social e econômico que visa apenas o lucro imediato de uma minoria. (Gadotti, 2000, p. 31)

O ser humano moderno tem necessidade de estar inserido no sistema produtivo, garantindo o seu sustento e o seu consumo, já que parte significativa da população se concentra em áreas urbanas.

Diante da revolução tecnológica e dos avanços das ciências e das comunicações permitindo que a informação seja simultânea e instantânea em qualquer lugar do planeta, o quadro que se apresenta é o da elevação dos níveis de consumo, impulsionados pela propaganda vinculada aos meios de comunicação e que atingem proporções universais, como explica Milton Santos (2009, p.83):

“...Hoje, vivemos um mundo da rapidez e da fluidez; trata-se de uma fluidez virtual, possível pela presença de novos sistemas técnicos, sobretudo os sistemas de informação, e de uma fluidez efetiva, realizada quando essa fluidez potencial é utilizada no exercício da ação, pelas empresas e instituições hegemônicas.”

Embora toda essa tecnologia pareça favorável à humanidade, no sentido de proporcionar mais conforto, também pode acarretar alguns transtornos advindos de sua má utilização. Dentro de um contexto de consumo capitalista, a má utilização da tecnologia gera a mais-valia (*lucro resultante da diferença entre o que o capitalismo paga pela mão de obra e o valor que cobra pela mercadoria*), o isolamento, as desigualdades, a exploração indiscriminada dos recursos naturais, o acúmulo de lixo e os danos causados aos seres humanos com a utilização de agrotóxicos e hormônios de crescimento para garantir um lucro maior e imediato no comércio de produtos alimentícios, por exemplo:

[...]o capitalismo aumentou mais a capacidade de destruição da humanidade, do que seu bem estar e a sua prosperidade. As realizações concretas do socialismo seguiram na mesma esteira destrutiva, colocando em risco não apenas a vida do ser humano mas de todas as formas de vida existentes sobre a Terra. (Gadotti, 2000, p. 31).

O modo de produção capitalista leva à exploração dos trabalhadores, pois as empresas querem cada vez mais lucro, territorializando a produção mundial, gerando disparidades regionais, evidenciadas na Divisão Internacional do Trabalho.

As grandes corporações multinacionais dominam o cenário mundial, ditando regras e estimulando o consumo de bens, que na maioria das vezes são descartáveis, para garantir o círculo vicioso do consumo. O *marketing* internacional garante a venda dos produtos para todas as partes do planeta através das propagandas vinculadas pelos meios de comunicação, e de acordo com a afirmação de Moacir Gadotti:

“...A globalização em si não é problemática, pois representa um processo de avanço sem precedentes na história da humanidade. O que é problemático é a globalização competitiva, na qual os interesses de mercado se sobrepõem aos interesses humanos, os interesses dos povos se subordinam aos interesses corporativos das grandes empresas transnacionais. Assim podemos distinguir uma globalização competitiva de uma possível globalização cooperativa e solidária. A primeira está subordinada apenas às leis de mercado e a segunda, aos valores éticos e à espiritualidade humana.” (Gadotti, 2000, p. 153)

Para abordar o tema Ecopedagogia serão utilizados autores que tratam especificamente da Ecopedagogia, da Cidadania Planetária, da Pedagogia da Terra, da Globalização e da Educação do Futuro. Como suporte para execução do trabalho, será utilizado o livro de Antonio Joaquim Severino, Metodologia do Trabalho Científico, que contém orientações para realização de trabalhos científicos. Em sua vigésima terceira edição (2007), Severino orienta, de forma clara e objetiva, estudantes, professores e pesquisadores na elaboração de trabalhos. A edição atualizada esclarece as formas de pesquisa, como se constrói um trabalho científico, dando informações sobre como utilizar as fontes de pesquisas, como fazer registros e como finalizar o trabalho no computador com suporte multimídia.

O documento que norteia as ações da Ecopedagogia, a “*Carta da Terra*” é a base da pesquisa, com suas citações em busca de um mundo melhor, com mais dignidade, respeito e ética. Será abordada em várias fases do trabalho, já que é um documento que inspirou os criadores do termo Ecopedagogia.

Em “*Pedagogia da Terra*”, Moacir Gadotti faz uma análise reflexiva sobre o atual momento em que vivemos, nosso modo de consumo e nossa relação com o Planeta Terra. Cita a sustentabilidade, a cidadania planetária e o cuidado que devemos ter com o Planeta, pois é a nossa casa.

Lembra ainda que são necessárias mudanças, para que se tenha uma educação sustentável. É preciso ter uma consciência planetária para que haja um mundo pacífico, em que direitos universais possam ser respeitados e haja igualdade e solidariedade entre os povos.

Francisco Gutiérrez e Cruz Prado, em *Ecopedagogia e Cidadania Planetária*, abordam a necessidade de uma sociedade sustentável e de uma cidadania ambiental planetária. As ações humanas devem ter dimensões planetárias, no sentido de pensarmos no próximo como seres viventes em um mesmo local, pertencentes a um mesmo planeta, sendo, portanto, cidadãos planetários e fazendo parte de uma sociedade planetária. Esses autores abordam o processo pedagógico como responsável pela emancipação do ser humano para o exercício de uma cidadania planetária consciente e ética.

Gutiérrez e Prado acreditam que a pedagogia pode promover a aprendizagem na vida cotidiana, abrindo caminhos novos, dinâmicos, inéditos e impregnados de sentidos.

“...A cidadania ambiental e a cultura da sustentabilidade serão necessariamente o resultado do fazer pedagógico que conjugue a aprendizagem a partir da vida cotidiana.”(Gutiérrez e Prado, 2008, p. 59)

Esses mesmos autores propõem algumas reflexões sobre ética, vida cotidiana e equilíbrio, dimensões holísticas e consciência planetária.

Milton Santos em *“Por Uma outra globalização”*, faz uma análise crítica do mundo globalizado atual. Trata da perversidade do sistema globalizado, que acentua as diferenças, fazendo com que os ricos fiquem ainda mais ricos e os pobres cada dia mais pobres. Propõe uma interpretação multidisciplinar do mundo contemporâneo:

“...A tirania da informação e a do dinheiro são apresentadas como os pilares de uma situação em que o progresso técnico é aproveitado por um pequeno número de atores globais em seu benefício exclusivo. O resultado é o aprofundamento da competitividade, a produção de novos totalitarismos, a confusão dos espíritos e o empobrecimento crescente das massas, enquanto os estados se tornam incapazes de regular a vida coletiva. È uma situação insustentável”.(Por uma outra globalização, Contra capa, 2009).

Edgar Morin em *“Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro”*, sugere ações no sistema educacional para que possamos enfrentar um futuro incerto.

Ensinar a condição humana e a identidade terrena no sentido de promover a sustentabilidade e a cidadania planetária, preparar para enfrentar as incertezas, ensinando a compreensão e a ética são temas abordados por Morin,

[...] as ciências permitiram que compreendêssemos muitas incertezas. Dessa forma, a política pedagógica precisa converter-se em um instrumento que conduza o estudante a um diálogo criativo com as dúvidas e interrogações de nosso tempo, condição necessária para uma formação cidadã. Não se pode mais ignorar a urgência da universalização da cidadania, que por sua vez, requer uma nova ética e, por conseguinte, uma escola de educação e cidadania para todos. (Célio Cunha in Morin, Contra capa, 2000)

Cada sub-tema deste trabalho trata de uma questão referente a Ecopedagogia, para que se possa refletir sobre a postura e as atitudes que devem ser tomadas para estabelecer novos paradigmas educacionais, ao se propor a construção de uma sociedade planetária melhor, mais justa e consciente da necessidade de preservar o meio ambiente.

1. A Globalização e a sociedade planetária como novo paradigma civilizatório

A descoberta de novos paradigmas científicos trouxe uma mudança na forma de ver o mundo que passa da concepção mecanicista de Descartes e Newton para uma visão holística e ecológica.

Assumir novos paradigmas e abandonar o paradigma que presidiu nosso agir até o momento requer novas posturas políticas, econômicas, sociais, culturais e educativas, segundo Gutiérrez e Prado:

...Frente à lógica racionalista que nega o sagrado e a subjetividade e, em nome do desenvolvimento e do progresso, saqueia a natureza e mata a vida, o paradigma emergente caracteriza-se pela promoção de uma lógica relacional e auto-organizacional que leva o ser humano a redescobrir o lugar que lhe corresponde dentro do conjunto harmonioso do universo. .(Gutierrez e Prado, 2008, p.30)

É preciso pensar em uma recuperação harmônica, em que o foco seja a nossa relação com o Planeta Terra.

...A recuperação harmônica supõe uma nova maneira de ver, focalizar e viver nossas relações com o Planeta Terra com tudo que essa consciência planetária, supõe: tolerância, equidade social, igualdade de gêneros, aceitação da biodiversidade e promoção de uma cultura da vida a partir da dimensão ética. .(Gutierrez e Prado, 2008, p.31)

A recuperação harmônica pode estabelecer uma nova ordem social a qual depende de mudanças de atitudes e comportamentos concretos dos seres humanos de todo o universo.

Para haver um desenvolvimento sustentável é preciso que haja um profundo respeito pelos diferentes grupos étnicos e culturais.

...Tal e como nos assinala o novo paradigma científico, a ecologia é a ciência de relações entre todos os seres do universo; nesse sentido o ser humano é um a mais desses elementos geradores de relações. .(Gutierrez e Prado, 2008, p.33)

Novos paradigmas exigem novas posturas pessoais e coletiva em relação ao convívio pacífico entre as nações e as pessoas; a solidariedade, a aceitação e a caridade deve ter lugar de destaque nessa nova ordem que se estabelece.

Uma ordem estratificada, preestabelecida, linear, seqüencial e essencialmente hierárquica (masculina) e dominante deve dar lugar a outra ordem intrinsecamente flexível, progressiva, complexa, coordenada, interdependente, solidaria, auto regulada. .(Gutierrez e Prado, 2008, p.47)

A globalização como está posta hoje é injusta e excludente, transforma a população mundial em exploradores e explorados e o que prevalece é o domínio das nações ricas do norte sobre as nações periféricas e exploradas do sul do planeta.

A competitividade é a marca registrada neste novo cenário mundial, em que prevalece o acúmulo de capital, gerando mais riquezas para os ricos e mais pobreza e miséria para os pobres, acentuando e agravando ainda mais as situações de marginalização das sociedades mais carentes. As nações mais poderosas continuam exercendo seu poder e dominando as nações mais pobres. A supremacia política e econômica dos países denominados de primeiro mundo prevalece. A exploração dos povos dos países subdesenvolvidos, fornecedores de matéria-prima barata para produção de bens de consumo que são vendidos a preços elevados, criam um déficit na economia desses países, que se tornam cada vez mais devedores.

...Essa travessia de milênio caracterizou-se por um enorme avanço tecnológico e também por uma enorme imaturidade política: enquanto a internet nos coloca no centro da era da informatização, o governo humano continua muito pobre, gerando misérias e deterioração. Podemos destruir toda a vida no planeta. Quinhentas empresas transnacionais controlam 25% da atividade econômica mundial e 80% das inovações tecnológicas. A globalização econômica capitalista enfraqueceu os estados nacionais, impondo limites para sua autonomia, subordinando-os à lógica econômica das transnacionais. Gigantescas dívidas externas governam países e impedem a implantação de políticas sociais equalizadoras. As empresas transnacionais trabalham para 10% da população mundial, que se situa nos países mais ricos, gerando tremenda exclusão. (Gadotti, 2000, p. 171)

Estamos caminhando para um fim: dos recursos naturais e da humanidade.

A pós modernidade que marca o início deste novo milênio aponta para novos desafios no convívio planetário. As catástrofes naturais, com conseqüências sem precedentes, ocorrem em vários locais do planeta, exigindo novas reflexões e ações a respeito de nossa existência e de nossas opções em relação ao Planeta Terra e à convivência planetária pacífica.

...Somos conscientes de como está se deteriorando aceleradamente a vida dos seres humanos e, inclusive, a própria sobrevivência da espécie. A deterioração ética e o subdesenvolvimento da sensibilidade explicam em grande parte essa desumanização. Com efeito, um desenvolvimento tecnológico aceleradíssimo, a emergência de um sistema capitalista e globalizante, e uma cultura dominante hegemônica pela empresa e pelo mercado, uma rejeição de toda expectativa de transformação global da sociedade e da vida, todos esses aspectos, por não estarem acompanhados pelas transformações éticas e espirituais, somam aos seres humanos num ritmo desequilibrado e perigosíssimo de crescimento, caracterizado por graves danos que nos levam a situar a ecologia do eu como um dos imperativos fundamentais para enfrentar a crise.(Gutierrez e Prado, 2008, p.45)

Para mudança de paradigmas são necessárias posturas diferentes perante a sociedade. Deveríamos ser menos egoístas e pensar um pouco mais no próximo, não só naquele que está perto, mas também no que está distante. É preciso ter mais respeito com o meio ambiente e com os seres vivos. Precisamos estar mais sensíveis e ter atitudes mais éticas e responsáveis.

Precisamos ensinar aos mais jovens como construir um futuro melhor, já que a modernidade parece vir carregada de destruição. Esse quadro pode e deve mudar, pois somos todos responsáveis por iniciar esse processo de mudança.

1.1. Globalização e consumo na sociedade capitalista

Diante da realidade que se apresenta, é necessária uma mudança no comportamento não só das pessoas que lideram e dominam o poder, mas também de todas as outras que vivem as conseqüências positivas ou negativas desse domínio político, social e econômico imposto pelos governos e pela ação de empresas multinacionais. Precisamos estar conscientes de onde chegamos e para onde queremos ir, de que forma queremos viver e qual o legado que deixaremos para as futuras gerações.

Podemos aprender com a crise e nos utilizarmos dela para assegurar mudanças, priorizando a vida e o viver de forma saudável neste planeta.

... Parece que já estamos atravessando do umbral da tolerância para a atual forma de convivência da espécie humana. Por isso ou mudamos radicalmente ou desapareceremos, em meio a um espantoso desastre nuclear, ecológico e moral. Essa mudança nos obriga a construir, no menor tempo possível, a partir da vida cotidiana, uma sociedade muito mais em consonância com as potencialidades do ser humano e das exigências da natureza. (Gutierrez e Prado, 2008, p.44)

Em relação aos meios de produção e ao consumo exagerado, há uma evidente escravidão concentrada nos centros urbanos onde as pessoas afastam-se cada vez mais da natureza, não cuidam do meio ambiente em que estão inseridas, não se relacionam e vivem em constante situação de estresse.

Essas pessoas são impacientes e imediatistas, buscam soluções rápidas para seus problemas pessoais, não se preocupam com o outro ou com o planeta.

O ato de jogar uma latinha de refrigerante pela janela do carro, faz com que nos vejamos livres daquilo que era um problema, mas com essa atitude podemos causar grandes danos para os outros, pois no caso de uma enchente aquela latinha contribui para o entupimento de bueiros. E esse fato é recorrente, principalmente nas grandes cidades.

O que predomina é a impaciência e a intolerância no contexto de um mundo conturbado, em que as pessoas não se conhecem, não se relacionam, não se respeitam e, portanto não se reconhecem como sujeitos integrantes de um sistema maior.

A globalização trouxe fatos novos para a sociedade universal, contribuindo com o comércio internacional, para a distribuição da produção, mas principalmente para o enriquecimento das grandes empresas multinacionais, que passaram a ter mais lucro com a abertura dos mercados internacionais e com a exploração da mão-de-obra barata e da matéria prima que os países subdesenvolvidos oferecem. Em contrapartida, podem ofertar seus produtos a preços elevados, gerando mais lucro e garantindo a riqueza das grandes corporações, mas, em contrapartida, gerando desigualdade, pois os países pobres ficam ainda mais pobres.

Para Moacir Gadotti, com a globalização passamos por um processo de mudanças que, segundo ele, interfere no processo educativo e que, portanto, também necessita de transformações.

...O processo da globalização está mudando a política, a economia, a cultura, a história e, portanto, a educação, É uma categoria que deve ser enfocada sob vários prismas. O global e o local, se fundem numa nova realidade: o “glocal”. Para pensar a educação do futuro, precisamos refletir sobre o processo de globalização da economia, da cultura e das comunicações. (Gadotti, 2000, p. 36)

O consumo consciente deveria ser prioridade no convívio coletivo, e as empresas deveriam investir uma parte de seus ganhos em projetos de conscientização da população, que ao consumir desesperadamente não se importam com as conseqüências do processo de produção de um bem de consumo fundamentado na exploração.

Esquecemos que muitas vezes um preço inferior é calculado à custa da exploração de mão de obra e da compra de matéria prima de países pobres que, por desconhecimento ou ganância, exploram a natureza de forma desordenada e sem critérios, causando danos com o desmatamento ou com a poluição.

Precisamos refletir sobre essa situação quando compramos alguma coisa, pensar antes de consumir e só comprar o que for necessário.

Segundo Milton Santos com essa atitude se estabelece o império do Consumo, em que os consumidores são levados à negligência em relação à cidadania.

Os países mais ricos são os que mais consomem e, portanto, são os maiores poluidores, como podemos observar no gráfico abaixo.

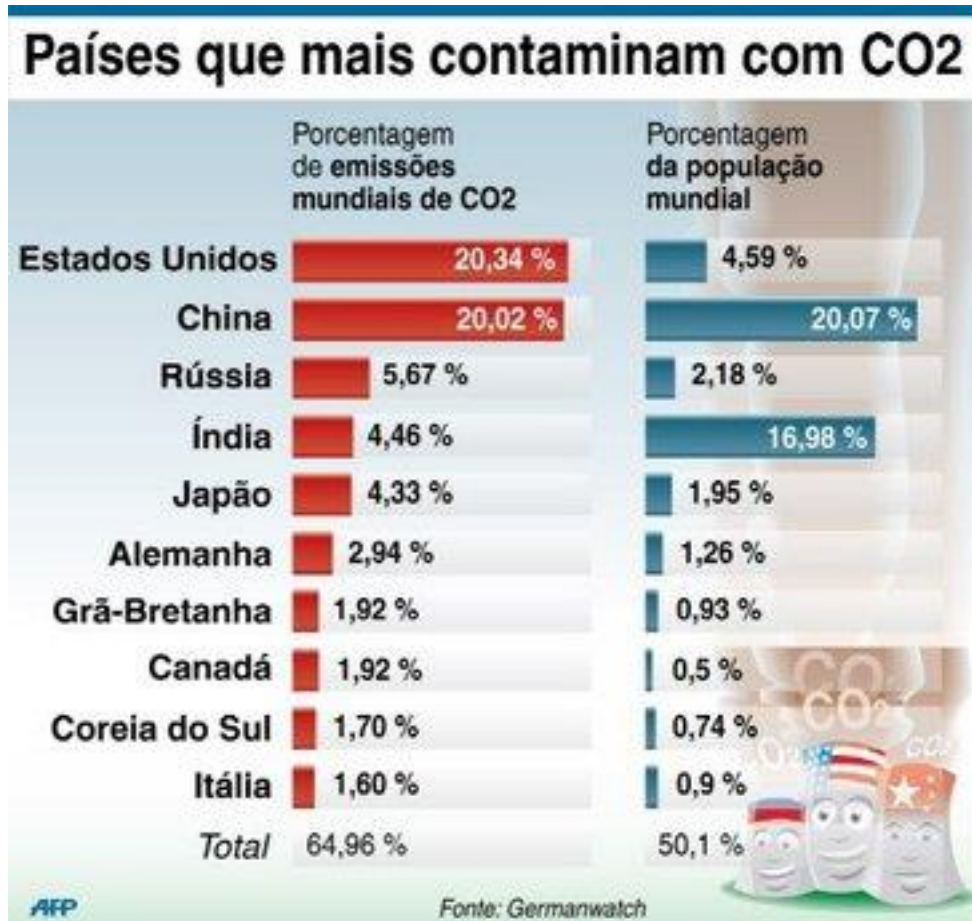


Fig. 1

Muitas vezes fatores éticos não são lembrados, pois o que predomina é o lucro, que representa o poder: quanto mais ganha, mais forte e poderosa se torna uma corporação, ultrapassando barreiras geográficas e políticas.

2. A ecopedagogia como referencial para o processo da educação cidadã

Precisamos mudar de atitudes e ter um comportamento mais humano e mais solidário com o próximo e com o planeta em que vivemos. É preciso exercitar a ética, a cidadania, o amor à consciência política e religiosa para que possamos mudar para melhor.

“Existem muitos indícios de que o sistema atual está desmoronando e que devemos encontrar vias para abrir caminhos novos para um tipo de futuro diferente. Estamos diante da alternativa de abrir esses caminhos ou perecer. Para ingressar na nova era de um mundo solidário são necessárias formas novas de estruturar a política, a economia, a ciência e a espiritualidade” (Gutierrez e Prado, 2008, p. 40)

Não poderemos suportar por muito tempo o atual modelo de desenvolvimento que prioriza sempre o capital, sem a devida preocupação com o futuro da humanidade.

“Esse processo, já iniciado, que tornaria possível a sobrevivência da humanidade, requer, além da tomada de consciência por parte de todos, a colocação em prática de um plano de ação que assegure as mudanças inerentes a esse novo estágio da humanidade.”(Gutierrez e Prado, 2008, p. 40)

Temos hoje uma grande preocupação em nos mantermos vivos diante de catástrofes que constantemente têm ocorrido, e foi esse prenúncio de morte iminente que levou um grupo de pessoas a pensar mais seriamente nas questões ambientais.

No início dos anos 90, vários países participaram da Conferência Mundial Sobre o Meio Ambiente – ECO 92 – no Rio de Janeiro e elaboraram documentos propondo mudanças de posturas para que se pudessem garantir a vida futura no Planeta Terra. Dentro desse contexto ocorre o processo de criação da “*Carta da Terra*”, lançada em Haia no ano 2.000 com a pretensão de ser um documento da Organização das Nações Unidas – ONU - que indica as bases para uma sociedade global justa, equilibrada, sustentável e pacífica.

...A sociedade civil mundial, reunida no fórum global da ECO-92, apresentou um conjunto de propostas e soluções para crise ecológica e social, aprovando os conhecidos “Tratados das ONGs” e estabelecendo as bases sociais, políticas, econômicas, científicas e culturais desse novo paradigma. (Gadotti, 2000, p. 32)

Mas não foi só na ECO-92 que essa polêmica foi levantada, pois, anteriormente, cientistas, estudiosos e pesquisadores já vinham alertando para a forma depredadora e desarmônica com que a humanidade estava tratando as questões referentes ao meio ambiente.

...Alertas vêm sendo dados há décadas por cientistas e filósofos desde os anos 60. Um grupo de cientistas conhecidos como Clube de Roma (1978), com 80 membros, fundado em 1968 por Aurélio Peccei, produziu um relatório que teve grande repercussão, chamado “Os limites do crescimento econômico”, no qual coloca em questão o modelo do desenvolvimento baseado no crescimento como se ele fosse ilimitado. Um outro grupo, o inglês The Ecologist, elaborou em 1971, o seu “Manifesto para a sobrevivência”, no qual defende que “um aumento indefinido de demanda não pode ser sustentado por recursos finitos,” (Gadotti, 2000, p. 32)

Não podemos alegar desconhecimento, com relação aos alertas que vêm sendo dados com freqüência, por algumas ONGs, por estudiosos e sutilmente, pelos meios de comunicação.

Mas as pessoas continuam agindo como se o problema não existisse. Ações em defesa do Planeta Terra e do meio ambiente, são isoladas e parecem ser preocupação da minoria, mesmo que todas as pessoas sejam afetadas de forma direta ou indireta.

É preciso parar para refletir sobre nossas ações predatórias e as conseqüências dessas ações para nós e para os nossos semelhantes. O que prevalece ainda é a busca desenfreada pelo poder, pelo dinheiro, pelo consumo e pelo domínio de territórios onde estão as riquezas naturais.

Se o ser humano não tivesse um pouco de preocupação com o prenúncio de um fim para o Planeta Terra ele não estaria a procura de formas de vida em outros planetas e na Lua.

...Os problemas globais aparecem cada vez mais nas manchetes de jornais. A Conferência Internacional sobre Meio Ambiente e Sociedade: Educação e Conscientização Pública para a Sustentabilidade, organizada pela UNESCO e realizada na Tessalônica, Grécia, em dezembro de 1997, destaca entre outros os seguintes fatores de agravamento da situação da vida no Planeta (UNESCO, 1999, p.23): a) o rápido crescimento da população mundial e a mudança em sua distribuição; b) a persistência da pobreza generalizada; c) as crescentes pressões sobre o meio ambiente devido à expansão da indústria em todo o mundo e o uso de modalidades de cultivo novos e mais intensivos; d) a negação contínua da democracia, as violações dos direitos humanos e o aumento de conflitos e de violência étnica e religiosa, assim como desigualdade entre homens e mulheres; e) o próprio conceito de desenvolvimento, o que significa e como é medido. (Gadotti, 2000, p. 32 e 33)

Karl Max, já dizia que mudanças nos meios de produção transformavam o modo de produzir e as relações de produção. Sendo assim não podemos alegar desconhecimento, pois sabemos o que estamos fazendo e quais as conseqüências das nossas ações predatórias sobre o meio ambiente.

Precisamos mudar o rumo e realmente investir em uma educação de qualidade, que ensine o amor ao próximo e ao espaço onde estamos inseridos. Deveríamos mostrar para nossas crianças que existem outras possibilidades, e que nem sempre o ter deve prevalecer sobre o ser, deveríamos seguir alguns exemplos das sociedades orientais, que respeitam a natureza, dão mais valor às pessoas idosas, às tradições e às questões da religiosidade e da espiritualidade.

O ser humano precisa voltar-se para si mesmo, para o âmago do seu ser, buscar sua essência, refletir sobre suas ações e mudar suas atitudes. É necessário criar momentos para filosofar, pensar na vida, e, sobretudo, agir com mais sabedoria.

“...Se nós, seres humanos, somos, a partir de nossa cotidianidade, desarmonizadores, deveríamos ser atores da harmonia ambiental através do uso mais humano dos recursos naturais. Embora devamos lutar pelas macrossoluções, as quais correspondem aos governos, às empresas, às grandes entidades sociais, nossa preocupação imediata deve ser levantar as soluções que estão ao nosso alcance e que estão fortemente marcadas por ações de sobrevivência por uma melhor qualidade de vida. Trata-se, em síntese, de saber vincular os problemas ambientais e suas soluções com a vida cotidiana e com a busca daquelas relações harmônicas que nos levam a uma melhoria da qualidade de vida.” (Gutierrez e Prado, 2008, p.32)

É preciso estabelecer novos paradigmas educacionais para harmonizar a convivência planetária, tornando-a pacífica, e tendo um desenvolvimento sustentável em que prevaleça a vida, o respeito, a ética e a cidadania.

...O desafio da sociedade sustentável de hoje é criar novas formas de ser e de estar nesse mundo. Para isso, é preciso superar os falsos valores que estão na gênese e no crescimento da sociedade ocidental e na sua cultura. (Gutierrez e Prado, 2008, p.34)

O caminho a ser seguido depende de como cada um vai encarar a problemática ambiental e quais serão as ações individuais e coletivas que poderão transformar a atual realidade.

Todos nós somos responsáveis pela construção de um futuro melhor, é preciso entender e trabalhar para isso, ensinando as futuras gerações e dando exemplos de sustentabilidade, de harmonia e respeito com a natureza.

...A pedagogia da cidadania ambiental da era planetária extrapola, em consequência, os estreitos limites da educação tradicional centrada na lógica da competição e acumulação, e na produção ilimitada de riqueza sem considerar os limites da natureza e as necessidades dos outros seres do cosmos. (Gutierrez e Prado, 2008, p.38)

Moacir Gadotti, afirma que a ecopedagogia pretende implantar mudanças na educação, buscando uma nova maneira de ser e de estar neste mundo globalizado.

...A ecopedagogia pretende desenvolver um novo olhar sobre a educação, um olhar global, uma nova maneira de ser e de estar no mundo, um jeito de pensar a partir da vida cotidiana, que busca sentido a cada momento, em cada ato, que “pensa a prática” (Paulo Freire), em cada instante de nossas vidas, evitando a burocratização do olhar e do comportamento.” (Gadotti, 2000, p. 82)

Para adquirir novas formas de ser e de estar neste mundo devemos nos educar e educar as próximas gerações e principalmente mudar nossas atitudes.

Precisamos deixar de lado essa visão capitalista do mundo globalizado e aprender com as sociedades indígenas o respeito à natureza, ao próximo e aos seres vivos.

Somos parte integrante de um todo e esse todo é o nosso planeta, o planeta onde vivemos e que queremos preservar.

3. A cultura da sustentabilidade e mudanças de paradigmas

O processo de mudança é longo e como não há mudanças do dia para noite, é preciso iniciar, pois não se faz uma caminhada sem dar o primeiro passo. Precisamos aprender a caminhar juntos com um mesmo objetivo, priorizando o que realmente é importante, buscando uma relação harmônica com a natureza.

...A cultura da sustentabilidade tem de levar-nos a saber selecionar em nossas próprias vidas o que realmente é sustentável e jogar fora o que de verdade não é. Nesse sentido, será preciso que consigamos vibrar no ritmo da vida, para sentir a nossa própria vida em contágio com a vida de outros seres. Só assim seremos cúmplices nos processos de promoção da vida. Criar vida é portanto, criar a cultura da sustentabilidade. (Gutierrez e Prado, 2008, p.98)

Os atuais conceitos relacionados à produção e ao consumo não deixarão de existir, mas é preciso repensar esses conceitos, dentro de uma visão sustentável de desenvolvimento econômico.

...O conceito de desenvolvimento sustentável foi utilizado pela primeira vez na Assembleia Geral das Nações Unidas em 1979, indicando que o desenvolvimento poderia ser um processo integral, que inclui dimensões culturais, éticas, políticas, sociais, ambientais, e não só econômicas. Esse conceito foi disseminado mundialmente pelos relatórios Worldwatch Institute na década de 80 e, particularmente, pelo relatório “Nosso Futuro Comum”, produzido pela comissão das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, em 1987. (Gadotti, 2000, p. 57)

As pessoas não deveriam utilizar os recursos naturais como se fossem fontes inesgotáveis, pois é preciso refletir sobre o consumo e as práticas consumistas que prejudicam o meio ambiente, o planeta Terra e os seres vivos.

O ser humano precisa ter consciência de seus atos predatórios e de suas ações incoseqüentes.

Todos nós somos co-responsáveis na busca por um mundo melhor, que respeite o Planeta e também os seres que nele vivem, para garantia de uma vida futura no Planeta Terra.

Não dispomos de tempo para ficar esperando o que vai acontecer, as mudanças de hábitos precisam começar agora.

...O desafio da sociedade sustentável de hoje é criar novas formas de ser e de estar neste mundo. Para isso, é preciso superar os falsos valores que estão na gênese e no crescimento da sociedade ocidental e sua cultura. Apenas uma revolução espiritual radical, segundo Joost Kuitenbrouwer, pode ser a fonte inspiradora dos movimentos criadores e propulsores das transformações no campo econômico, político e cultural, porém muito especialmente das transformações requeridas para pôr em marcha a sociedade sustentável. Por essa revolução espiritual conseguiremos romper, como diz R.Eisler, os moldes rígidos e os papéis genéricos e hierárquicos que obstaculizam a plena atualização de potencialidades de todos os seres humanos: homens e mulheres.” (Gutierrez e Prado, 2008, p. 34e 35)

Para que ocorressem mudanças nas formas de agir do ser humano ocidental de hoje, seria necessário que ele deixasse um pouco de lado suas preocupações com coisas materiais e se voltasse um pouco mais para si mesmo e para seus semelhantes; que refletisse sobre sua forma de se relacionar com o mundo que o cerca, despertando uma maior sensibilidade para as coisas da natureza e para sua relação com o mundo e com o próximo.

Seria necessário que deixasse de lado essa busca incessante pelo dinheiro e pelo capital, desenvolvendo um olhar mais solidário para o mundo e para coisas simples, como observar os pássaros, o nascer ou o por do sol, a exuberância de nossa floresta e a importância de se viver em harmonia com a natureza.

Hoje, diante de catástrofes que ocorrem em diversos locais do planeta, algumas pessoas demonstram uma preocupação maior com o meio ambiente, mas poucas são as que realmente mudam as posturas e as atitudes que podem melhorar a qualidade de vida no planeta. Ainda estamos muito distantes de conseguir uma vida plena e harmônica, mas devemos caminhar para isso parte.

O primeiro passo, a ser dado é um trabalho de conscientização. As pessoas precisam estar conscientes de que é necessária uma mudança de atitudes que desencadeassem ações concretas de sustentabilidade, solidariedade e preservação ambiental.

...Se a lógica da acumulação presidiu até hoje os processos de desenvolvimento, um desenvolvimento que nos leva a uma destruição apocalíptica, necessitamos de novas categorias interpretativas e de novos valores que nos obriguem a construir os instrumentos de intervenção mais idôneos para a conquista da sociedade sustentável que buscamos. ’
(Gutierrez e Prado, 2008, p.34)

Para haver um equilíbrio ecológico no mundo atual, é necessário que haja mudanças radicais, pois o nosso desafio hoje é o de criar novas formas de ser e de estar neste mundo. É preciso que voltemos um pouco na história para podermos aprender com os nossos antepassados como conviver de forma harmônica com o ambiente natural.

...O ser humano, desde os tempos mais remotos, sempre se relacionou com o meio natural. Para alguns povos, essa relação foi, e continua sendo, de muito respeito; para outros – que se dizem mais progressistas e evoluídos - esse respeito foi substituído por um “aproveitamento” irracional dos recursos naturais. Essa dimensão de apropriação e saque dos recursos naturais deu origem a atual crise ambiental, cuja magnitude é de enormes proporções e de conseqüências imprevisíveis. Mas, apesar da gravidade e urgência da crise, persiste-se em querer resolvê-la, na maioria dos casos, a partir apenas da dimensão desinvolvementalista, com desconhecimento das relações inerentes aos valores do novo paradigma emergente. Essa visão econômica e reducionista de nosso Planeta Terra desconhece a outra dimensão mais ampla e abrangente do desenvolvimento sustentado, que tem como base uma fundamentação ecológica num sentido que vai muito além das preocupações imediatistas pela proteção do ambiente. “(Gutierrez e Prado, 2008, p.32 e 33)”.

O desenvolvimento sustentável só será possível se houver um profundo respeito pelas diferentes etnias e culturas, se houver uma democratização nas formas de utilização e ocupação dos espaços e nas formas dos seres humanos se apropriarem e se utilizarem dos recursos naturais.

A sustentabilidade vem ganhando espaço nos meios de comunicação, mas as ações concretas no sentido de traçar um caminho para o desenvolvimento sustentável, estão longe de atingir o mínimo desejável.

Nesse sentido, a educação pode contribuir, mudando a forma de agir e de pensar das pessoas e conscientizando-as para a necessidade urgente de preservação do meio ambiente.

“...Os graves problemas socioambientais e as críticas ao modelo de desenvolvimento foram gerando na sociedade maior consciência ecológica nas últimas décadas. Embora essa consciência não tenha ainda provocado mudanças significativas no modelo econômico e nos rumos das políticas governamentais, algumas experiências concretas apontam para uma crescente sociedade sustentável em marcha.” (Gadotti, 2000, p. 66)

4. Aspectos pedagógicos na construção de caminhos para aquisição de novos paradigmas educacionais

Se a pedagogia promove a aprendizagem a partir da vida cotidiana, como dizia Paulo Freire, é necessário que sejam abertos novos caminhos, dinâmicos, inéditos, flexíveis de aprendizagem.

...No processo de abertura de novos caminhos é essencial caminhar com sentido. O norte que nos guia nesse percurso não está num horizonte próximo ou distante; nós é que temos que levar esse horizonte dentro de nós. (Gutierrez e Prado, 2008, p.63)

Gutierrez e Prado definem pedagogia como a promoção da aprendizagem através de todos os recursos colocados em jogo no ato educativo que promove a aprendizagem a partir da vida cotidiana. Portanto, para que a aprendizagem realmente ocorra, ela precisa ser significativa, e é relevante que dentro desse processo de aprendizagem o cotidiano tenha destaque, facilitando o aprender.

...Se a pedagogia é um fazer, os caminhos que a ela conduzem são construídos e percorridos nesse fazer cotidiano e permanente. (Gutierrez e Prado, 2008, p.61)

Conhecimentos adquiridos na vida cotidiana contribuem para que o aprender seja realmente significativo se houver uma relação entre o que se aprende e o que já se tem de conhecimento anterior, segundo Gutierrez e Prado, 2008, p.63.

[...] caminhar com sentido significa, antes de tudo, dar sentido ao que fazemos, compartilhar sentidos, impregnar de sentidos as práticas da vida cotidiana e compreender o sem sentido (non-sense) de muitas outras práticas que aberta ou sorrateiramente tentam nos impor.

Os saberes são adquiridos antes de ter início o processo de aprendizagem escolar e, portanto, não podemos, enquanto educadores, ignorar a bagagem de conhecimento que já está inserida no contexto de vida da criança: compartilhar o aprendizado escolar com as vivências das experiências diárias deve fortalecer a aprendizagem e facilitar a aquisição do conhecimento.

Nesse aspecto, a Educação Ambiental deve ser tratada de forma integrada nos conteúdos curriculares, paralelamente agregando conhecimentos do cotidiano para a construção de uma vida planetária integrada com o meio ambiente e com questões relacionadas à sustentabilidade.

Educação ambiental é muito mais que integrar valores de conservação da natureza, amplia-se por conceitos relacionados à conscientização da importância de mudanças de atitudes em relação ao Planeta Terra, atitudes de preservação da vida, de respeito à natureza e a todos os seres vivos deste planeta para garantia de vida no futuro. Nesse sentido, a ecopedagogia aborda aspectos mais amplos da educação ambiental, priorizando situações contextualizadas em conceitos relacionados à natureza e ao meio ambiente.

Ela pode ser entendida como um movimento social e político, em processo de desenvolvimento e como todo movimento novo, é complexa e pode tomar diferentes direções, até mesmo contraditórias, pois:

...Ao contrário dos termos “educação” e “saúde” – que correspondem a áreas bastante conhecidas pela população a expressão “meio ambiente” é quase que totalmente ignorada. A população conhece o que é lixo, asfalto, barata, mas não entende a questão ambiental na sua significação mais ampla. Daí a necessidade de uma ecopedagogia, uma pedagogia para o desenvolvimento sustentável. (Gadotti, 2000, p. 90).

A ecopedagogia surge como movimento social e político na sociedade civil e nas organizações de trabalhadores, ecologistas, educadores e empresários preocupados com o meio ambiente. A sociedade civil vem assumindo a sua cota de responsabilidade diante da degradação do meio ambiente, percebendo que somente com uma ação integrada pode-se combater a degradação ambiental.

Na abordagem curricular a ecopedagogia implica numa reorientação do currículo para incorporação de certos princípios defendidos por ela.

A ecopedagogia defende a valorização da diversidade cultural, para que todas as pessoas possam participar dos bens culturais da humanidade; é, portanto, a pedagogia da educação multicultural, e não uma pedagogia escolar; não se dirige apenas aos educadores, mas aos habitantes do Planeta Terra. A ecopedagogia pretende ir além da escola, pois pretende impregnar toda a sociedade e só tem sentido como projeto alternativo global, cuja preocupação está centrada não apenas na preservação da natureza, mas num novo modelo de civilização sustentável, transformando as relações humanas, sociais e ambientais.

...A ecopedagogia encontra-se ainda numa fase de definição de seus princípios, mas não ficará neles. Para se firmar como pedagogia da Terra, como ecopedagogia, precisa morder realmente a realidade, com propostas estratégicas e metodológicas. Nesse percurso ela se beneficia muito do próprio movimento de educação ambiental ao qual está associada. (Gadotti, 2000, p. 95)

A educação ambiental teve grandes avanços nos últimos anos, e foi devidamente incorporada ao currículo escolar. A ecopedagogia, diante da educação ambiental, está apenas engatinhando, mas mesmo nascendo da ecologia, a ecopedagogia deve seguir um caminho próprio, não ficando restrita à questão ambiental.

...A pedagogia tradicional, centrada sobretudo na escola e no professor, não consegue dar conta de uma realidade dominada pela globalização das comunicações, da cultura e da própria educação. Novos meios e uma nova linguagem precisam ser criados. Mas não é só: é necessário fundamentar esses meios e essa linguagem numa ética e numa estética. O uso intensivo da comunicação áudio visual, da educação à distância e das redes se impõe e exige uma nova mediação pedagógica., . (Gadotti, 2000, p. 97)

As mudanças não podem esperar, já que o grande volume de informações contribui significativamente para que o conhecimento seja mais rápido e eficiente. Devemos então aproveitar essa situação para apropriação de conhecimentos que possam contribuir para a evolução humana no que diz respeito à ética e a cidadania consciente, com solidariedade e sensibilidade.

Segundo Edgar Morin, devemos ensinar a condição humana, questionando nossa posição no mundo, pois o fluxo de conhecimentos na atualidade traz nova luz sobre a situação humana no universo.

...A educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana. Estamos na era planetária; uma aventura comum conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem. Esses devem reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano. (Morin, 1999, p. 47)

As pessoas devem ter consciência de que não somos partes isoladas no planeta, mas fazemos parte de uma sociedade universal, e que deve haver uma integração global, com pensamentos e ações que priorizem a vida e não a morte.

...Conhecer o humano é, antes de mais nada, situá-lo no universo, e não separá-lo dele. (Morin, 1999, p. 47)

Somente a educação, como escolarização, não dará conta da responsabilidade de transformar a atual realidade mundial, em um mundo mais harmônico e sustentável, mas poderá abrir caminhos para concretizar essa realidade.

A educação tem que ser pensada mais amplamente, no sentido de formar pessoas melhores, com atitudes mais humanas e éticas. Por isso é necessário que ela seja feita também em outros segmentos, fora dos ambientes escolares.

...A educação concebida não como escolarização, pode e deve ter um peso na luta pela sustentabilidade econômica, política e social. Processos não formais, informais e formais já estão conscientizando muitas pessoas e intervindo positivamente, se não solucionando, despertando para o problema da degradação crescente do meio ambiente. (Gadotti, 2000, p. 87)

A ecopedagogia sugere novas formas de pensar e agir para a sustentabilidade, para qualidade de vida e para a garantia de uma vida futura no planeta Terra.

...Para se firmar como uma pedagogia que responda a uma questão tão complexa quanto a desenvolvimento sustentável, a ecopedagogia precisa trilhar ainda um longo caminho. E precisa não só do debate acadêmico e da construção teórica. Precisa, sobretudo, ser experimentada na prática. (Gadotti, 2000, p. 97)

Assim, se a pedagogia tradicional, por si só não dá conta da amplitude da sustentabilidade, os conceitos da ecopedagogia podem ser somados para a construção dessa nova abordagem planetária.

É preciso pensar, agir e educar para viver esse novo momento, em que as informações são rápidas e simultâneas e o conhecimento se forma a partir da seleção dessas informações.

5. A construção de uma educação voltada para cidadania planetária

O início deste novo milênio trouxe á tona algumas reflexões relacionadas com o mundo globalizado, entre as quais, até que ponto a globalização contribui para o crescimento e o desenvolvimento das comunidades globais. Fica claro que a competitividade, fator marcante dessa nova concepção, é, muitas vezes, discriminatória, agressiva e excludente.

...O cenário está dado: globalização provocada pelo avanço da revolução tecnológica, caracterizada pela internacionalização da produção e pela expansão dos fluxos financeiros; regionalização caracterizada pela formação de blocos econômicos; fragmentação que divide globalizadores e globalizados, centro e periferia, os que morrem de fome e os que morrem pelo consumo excessivo de alimentos; rivalidades regionais, confrontos políticos, étnicos e confessionais, terrorismo. É nesse contexto, nessa travessia de milênio, que devemos pensar a educação do futuro. (Gadotti, 2000, p. 87)

Observado os fatos que vêm ocorrendo à nossa volta e sentindo um prenúncio do fim que pode estar mais próximo do que imaginávamos, partimos para o pressuposto de que é preciso haver um novo começo e que mudanças de comportamento são urgentes para garantia de vida com qualidade no Planeta Terra.

...Percebemos cada dia com maior clareza que nossa evolução econômico-industrial está entrando em contradição com a natureza como fundamento de nossa vida. Esta contradição abre-se, como uma tesoura, e abarca cada vez mais coisas. A fé na ilimitada capacidade de mudar o mundo acabou. Entramos numa nova época na história da humanidade, na época da exterminação, na época do começo de nossa autodestruição, bem como da autodestruição da vida na face da Terra. (Gadotti, 2000, p. 31)

Para viabilizar a construção de novos paradigmas educacionais, a transdisciplinaridade pode contribuir de forma significativa, redimensionando conceitos e integrando as disciplinas.

Mudar a maneira de pensar é fundamental para a busca de uma visão mais global do mundo. A transdisciplinaridade representa uma ruptura com o modo linear de ler o mundo, uma forma de articulação dos saberes. (Gadotti, 2000, p. 39)

A transdisciplinaridade quebra o isolamento das disciplinas e possibilita um novo olhar sobre as coisas.

...Como a nossa educação nos ensinou a separar, compartimentar, isolar e, não a unir os conhecimentos, o conjunto deles constitui um quebra cabeças ininteligível. As interações, as retroações, os contextos e as complexidades que se encontram no *man's land* entre as disciplinas se tornam invisíveis.

Os grandes problemas humanos desaparecem em benefício dos problemas técnicos particulares. A incapacidade de organizar o saber disperso e compartimentado conduz à atrofia da disposição mental natural de contextualizar e de globalizar. (Morin, 1999, p. 42-43)

Os currículos atuais estão impregnados de conteúdos que nos remetem à educação clássica nascida na Grécia, que partia do pressuposto de que nem tudo era importante estudar e que a escolarização deveria partir das preocupações dos filósofos, desconsiderando os problemas locais existentes. O currículo clássico desconsiderava, por exemplo, temas relacionados ao trabalho, às mulheres e às crianças e a vida cotidiana não era levada em conta.

“...Os problemas atuais, inclusive os problemas ecológicos, são provocados pela nossa maneira de viver, e a nossa maneira de viver é inculcada pela escola, pelo que ela seleciona ou não, pelos valores que transmite, pelos currículos, pelos livros didáticos (também pela filosofia). Reorientar a educação a partir do princípio da sustentabilidade significa retomar nossa educação em sua totalidade, implicando uma revisão de currículos e programas, sistemas educacionais, do papel da escola e dos professores, da organização do trabalho escolar...” (Gadotti, 2000, p. 42)

Assim sendo, é necessária a formação de novos professores, mediadores do conhecimento, sensíveis e críticos, aprendizes permanentes, orientadores e cooperadores, fazendo com que surja um novo aluno, sujeito da sua própria formação, autônomo, disciplinado, motivado para aprender,

solidário e curioso. E a nova escola será gestora de conhecimentos, inovadora, construtora de sentidos e plugada no mundo. O surgimento dessa nova escola, desse novo aluno e desse novo professor dependerá de um novo sistema de ensino que não significa aniquilar o passado, mas superá-lo.

6. A CARTA DA TERRA COMO EIXO NORTEADOR DA ECOPEDAGOGIA

A “*Carta da Terra*” é um documento apresentado e aprovado no fórum global 92. Os participantes do Fórum se comprometeram a adotar os princípios da Carta da Terra e traduzi-la para todas as línguas do planeta.

Ela foi concebida como um código de ética global para um desenvolvimento sustentável, propondo mudanças de atitudes e valores de cada indivíduo.

A “*Carta da Terra*” é uma declaração de princípios globais para orientar questões do meio ambiente e do desenvolvimento.

...A Carta da Terra deverá constituir-se em um documento vivo, apropriado pela sociedade planetária, e revisto periodicamente em amplas consultas globais. (Gadotti, 2000, p. 115)

A “*Carta da Terra*” servirá como um código ético planetário e deverá nortear as ações dos indivíduos para a construção de uma cidadania planetária sustentável e consciente de suas responsabilidades com o planeta em que vivemos.

...O projeto da Carta da Terra inspira-se em uma variedade de fontes, incluindo a ecologia e outras ciências contemporâneas, as tradições religiosas e as filosofias do mundo, a literatura sobre ética global, o meio ambiente e o desenvolvimento, a experiência prática dos povos que vivem de maneira sustentada, além das declarações e dos tratados intergovernamentais e não governamentais relevantes. (Gadotti, 2000, p. 114)

A pretensão é que a Carta da Terra inicie um processo de aprendizagem conectado com uma nova visão de futuro, em que os indivíduos se comprometam a tecer novas relações entre os seres humanos e destes com o planeta Terra.

...Baseada em princípios e valores fundamentais que nortearão pessoas e Estados no que se refere ao desenvolvimento sustentável, a Carta da Terra servirá como um código de ética planetário. (Gadotti, 2000, p. 114)

A construção de novos valores e de novas relações é necessária para que se possa garantir um futuro saudável para a Terra. Nosso futuro depende da nossa capacidade de entender hoje a situação dramática em que estamos devido à deterioração do meio ambiente, e, nessa circunstância, o papel da educação será decisivo para a mudança de mentalidades e atitudes em direção à sustentabilidade econômica.

Esta cidadania deve sustentar-se com base numa ética integral, de respeito a todos os seres com os quais compartilhamos o planeta. Como construir na prática essa ética integral, sem um processo educativo? Isso exige, certamente, uma nova compreensão do papel da educação, para além da transmissão da cultura e da aquisição do saber. Implica a construção de novos valores e novas relações. (Gadotti, 2000, p. 117)

A “*Carta da Terra*” deverá ter abrangência global, para que os cidadãos do Planeta não apenas tenham conhecimento do seu conteúdo, mas que o seu conteúdo seja vivenciado no cotidiano das pessoas.

...A Carta da Terra deve ser entendida sobretudo como um movimento ético global para se chegar a um código de ética planetário, sustentando um, núcleo de princípios e valores que fazem frente à injustiça social e á falta de equidade reinante no planeta. (Gadotti, 2000, p. 117)

Ernesto Sábato, na apresentação do projeto “*Carta da Terra*”, mencionava o fato de estarmos atravessado um tempo de desastres em que milhões de vidas humanas são desprezadas por interesses econômicos. A contaminação dos gases e a radiação põem em risco a existência do planeta. Valores éticos e espirituais de outrora foram desprezados pelo progresso, que agora nos deixa no limite de um precipício moral. Hoje o planeta é um lar em chamas.

Todos os grupos humanos e sociais têm o direito de viver dignamente com os membros de suas famílias. A Terra e a vida devem ser novamente respeitadas. O autor salienta também a importância da cooperação nas comunidades indígenas.

Podemos aprender com essas comunidades ou continuar o processo de extermínio não só das comunidades indígenas, mas de toda a vida no planeta. O importante agora é a tomada de consciência para mudanças de posturas e trabalhar para fazer com que essas mudanças possam ocorrer nos vários segmentos da sociedade.

[...] A Terra é uma só nação e os seres humanos os seus cidadãos. (Rio 92 – in Gadotti 129)

7. A planetariedade como novo paradigma

Podemos aprender com os povos indígenas a conviver em harmonia com a Terra, fazendo parte dela e estabelecendo uma relação de interdependência e de harmonia.

...As culturas dos povos indígenas, conforme a sua cosmovisão são testemunhas de fé de “como esses povos viviam e vivem em harmonia simbiótica com a terra viva. (Gutierrez e Prado, 2008, p.109)

Voltando nosso olhar para o passado e analisando como viviam as comunidades indígenas, resgatamos atitudes de convivência pacífica com a nossa mãe natureza.

...A apropriação e a lógica da acumulação do crescimento ilimitado e linear nos levam a crise ecológica que hoje tanto lamentamos. Os seres humanos perderam a relação harmônica com sua mãe Terra: aproveitaram-se dela, saquearam-na, dominaram-na.

O novo paradigma abre fundadas esperanças de recuperação da harmonia perdida. (Gutierrez e Prado, 2008, p.109)

Precisamos estabelecer uma relação harmônica com o planeta Terra, respeitando e compreendendo a dinâmica planetária. Não se pode preservar se não houver a compreensão de seus sistemas e de seus ciclos. Temos que ser mais sensíveis e observadores.

...A vida dos indígenas e dos maias, assim como de outros povos antigos, é um claro testemunho da consciência planetária: sua vida cotidiana, seu trabalho, suas celebrações, sua visão de divindade e da morte, e a sua produção artística e científica assim demonstram. Desde tempos ancestrais, vivem a dimensão cósmica que nós ansiamos. (Gutierrez e Prado, 2008, p.121)

Para haver uma cidadania planetária é necessário haver uma consciência planetária, um sistema de vida integrado, dinâmico e inteligente. Precisamos tratar a Terra como a nossa casa, o lugar onde vivemos e ser parte integrante dela.

Se nos ativermos a uma visão fragmentada do mundo, da vida e do ser humano, como consequência de um desenvolvimento altamente especializado, nos veremos obrigados a um tratamento mecanicista parcial e unidimensional da realidade.

Mas se, como propõe o novo paradigma científico, partimos de uma dimensão holística, estaremos frente a propriedades específicas novas, que exigem de nós tratamentos globais e, por conseguinte, comportamentos diferentes. (Gutierrez e Prado, 2008, p.116).

Uma visão holística do mundo significa ver o todo e suas particularidades, entender que nossas ações não são isoladas pois trazem conseqüências locais e globais. Devemos agir como parte integrante de um todo, que é o planeta em que vivemos.

...Educar para a cidadania planetária implica muito mais do que uma filosofia educacional, do que um enunciado de seus princípios. A educação para a cidadania planetária implica numa revisão de nossos currículos, uma reorientação de nossa visão de mundo da educação como espaço de inserção do indivíduo não numa comunidade local, mas numa comunidade que é local e global, ao mesmo tempo. Educar então não seria, como dizia Émile Durheim, a transmissão da cultura de uma geração para outra, mas a grande viagem de cada indivíduo em seu universo interior e no universo que o cerca. (Gadotti, 2000, p. 142)

Segundo Gadotti, a cidadania planetária sustenta-se numa visão unificada do planeta, expressa em um conjunto de atitudes e valores, princípios e comportamentos que demonstram uma nova percepção da Terra como uma única comunidade.

As pessoas poderão se reconhecer como parte integrante de um mesmo sistema planetário, com objetivos comuns em relação ao local onde vivem.

...A cidadania planetária supõe o reconhecimento e a prática da planetaridade, isto é, tratar o planeta como um ser vivo e inteligente. (Gadotti, 2000, p. 153)

Todas as pessoas serão parte integrante de uma mesma comunidade global, com as mesmas intenções e objetivos comuns de cuidar do espaço onde vivemos.

...A casa deixará um dia de ser o endereço, o ponto de referência das pessoas. O cidadão do mundo da civilização planetária terá a Terra como seu endereço e o seu sítio (site) na Web como ponto de referência. (Gadotti, 2000, p. 152)

Para Moacir Gadotti, vivemos numa época de transição paradigmática da sociedade e da escola. As pedagogias clássicas eram antropocêntricas. A ecopedagogia parte de uma consciência planetária. Ampliamos nosso ponto de vista, do homem para o planeta, de uma visão antropocêntrica para uma consciência planetária, para uma prática de cidadania planetária e para uma nova referência ética e social: a civilização planetária.

8. Considerações finais

A construção de novos paradigmas teve início com a ECO 92 no Rio de Janeiro, com a reunião de povos de vários países que pararam para refletir e discutir questões referentes ao meio ambiente e à sustentabilidade.

Estamos em estado de alerta: ou iniciamos já uma mudança de atitudes ou partimos realmente para o fim, o extermínio total dos seres vivos no Planeta Terra.

Com certeza, a maioria dos seres deste Planeta quer sua preservação e, dependendo do trabalho que se faça nesse sentido, seremos todos vitoriosos.

As mudanças já começaram a acontecer. Podemos perceber diariamente nos meios de comunicação alertas para mudanças de atitudes em relação à preservação ambiental. É claro que a conscientização, pelo menos da maioria da população mundial, é um processo longo, mas podemos dizer que ele já se iniciou.

Atitudes isoladas, como a de separar o lixo reciclado, por exemplo, tem sido cada dia mais comuns. É claro que essas são atitudes pequenas, em relação à problemática ambiental, mas o importante é que estamos caminhando na direção certa e que não se começa uma grande jornada sem dar o primeiro passo.

No futuro poderemos dizer que participamos desse processo inicial de mudanças, poderemos nos orgulhar de termos um mundo melhor e de termos dado nossa contribuição para a construção desse mundo, seja com as nossas

atitudes e posturas diferenciadas, seja na educação de nossos filhos ou na nossa forma de ensinar e trabalhar coletivamente para garantia de um futuro melhor.

Com certeza as próximas gerações estarão muito mais sensíveis às questões ambientais e essa preocupação já pode ser percebida nos jovens e crianças de hoje.

ANEXOS

ANEXO

I

O texto da Carta da Terra

PREÂMBULO

Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro. À medida que o mundo torna-se cada vez mais interdependente e frágil, o futuro reserva, ao mesmo tempo, grande perigo e grande esperança. Para seguir adiante, devemos reconhecer que, no meio de uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos nos juntar para gerar uma sociedade sustentável global fundada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz. Para chegar a este propósito, é imperativo que nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade de vida e com as futuras gerações.

TERRA, NOSSO LAR

A humanidade é parte de um vasto universo em evolução. A Terra, nosso lar, é viva como uma comunidade de vida incomparável. As forças da natureza fazem da existência uma aventura exigente e incerta, mas a Terra providenciou as condições essenciais para a evolução da vida. A capacidade de recuperação da comunidade de vida e o bem-estar da humanidade dependem da preservação de uma biosfera saudável com todos seus sistemas ecológicos, uma rica variedade de plantas e animais, solos férteis, águas puras e ar limpo. O meio ambiente global com seus recursos finitos é uma preocupação comum de todos os povos. A proteção da vitalidade, diversidade e beleza da Terra é um dever sagrado.

A SITUAÇÃO GLOBAL

Os padrões dominantes de produção e consumo estão causando devastação ambiental, esgotamento dos recursos e uma massiva extinção de espécies. Comunidades estão sendo arruinadas. Os benefícios do desenvolvimento não estão sendo divididos equitativamente e a diferença entre ricos e pobres está aumentando. A injustiça, a pobreza, a ignorância e os conflitos violentos têm aumentado e são causas de grande sofrimento. O crescimento sem precedentes da população humana tem sobrecarregado os sistemas ecológico e social. As bases da segurança global estão ameaçadas. Essas tendências são perigosas, mas não inevitáveis.

DESAFIOS FUTUROS

A escolha é nossa: formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros ou arriscar a nossa destruição e a da diversidade da vida. São necessárias mudanças fundamentais em nossos valores, instituições e modos de vida. Devemos entender que, quando as necessidades básicas forem supridas, o desenvolvimento humano será primariamente voltado a ser mais e não a ter mais. Temos o conhecimento e a tecnologia necessários para abastecer a todos e reduzir nossos impactos no meio ambiente. O surgimento de uma sociedade civil global está criando novas oportunidades para construir um mundo democrático e humano. Nossos desafios ambientais, econômicos, políticos, sociais e espirituais estão interligados e juntos podemos forjar soluções inclusivas.

RESPONSABILIDADE UNIVERSAL

Para realizar estas aspirações, devemos decidir viver com um sentido de responsabilidade universal, identificando-nos com a comunidade terrestre como um todo, bem como com nossas comunidades locais. Somos, ao mesmo tempo, cidadãos de nações diferentes e de um mundo no qual as dimensões local e global estão ligadas.

Cada um compartilha responsabilidade pelo presente e pelo futuro bem-estar da família humana e de todo o mundo dos seres vivos. O espírito de solidariedade humana e de parentesco com toda a vida é fortalecido quando vivemos com reverência o mistério da existência, com gratidão pelo dom da vida e com humildade em relação ao lugar que o ser humano ocupa na natureza.

Necessitamos com urgência de uma visão compartilhada de valores básicos para proporcionar um fundamento ético à comunidade mundial emergente. Portanto, juntos na esperança, afirmamos os seguintes princípios, interdependentes, visando a um modo de vida sustentável como padrão comum, através dos quais a conduta de todos os indivíduos, organizações, empresas, governos e instituições transnacionais será dirigida e avaliada.

PRINCÍPIOS

I. RESPEITAR E CUIDAR DA COMUNIDADE DE VIDA

1. Respeitar a Terra e a vida em toda sua diversidade.

- a. Reconhecer que todos os seres são interdependentes e cada forma de vida tem valor, independentemente de sua utilidade para os seres humanos.
- b. Afirmar a fé na dignidade inerente de todos os seres humanos e no potencial intelectual, artístico, ético e espiritual da humanidade.

2. Cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor.

- a. Aceitar que, com o direito de possuir, administrar e usar os recursos naturais vem o dever de prevenir os danos ao meio ambiente e de proteger os direitos das pessoas.
- b. Assumir que, com o aumento da liberdade, dos conhecimentos e do poder vem a maior responsabilidade de promover o bem comum.

3. Construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas.

- a. Assegurar que as comunidades, em todos os níveis, garantam os direitos humanos e as liberdades fundamentais e proporcionem a cada pessoa a oportunidade de realizar seu pleno potencial.
- b. Promover a justiça econômica e social, propiciando a todos a obtenção de uma condição de vida significativa e segura, que seja ecologicamente responsável.

4. Assegurar a generosidade e a beleza da Terra para as atuais e as futuras gerações.

- a. Reconhecer que a liberdade de ação de cada geração é condicionada pelas necessidades das gerações futuras.
- b. Transmitir às futuras gerações valores, tradições e instituições que apóiem a prosperidade das comunidades humanas e ecológicas da Terra a longo prazo.

II. INTEGRIDADE ECOLÓGICA

5. Proteger e restaurar a integridade dos sistemas ecológicos da Terra, com especial atenção à diversidade biológica e aos processos naturais que sustentam a vida.

- a. Adotar, em todos os níveis, planos e regulamentações de desenvolvimento sustentável que façam com que a conservação e a reabilitação ambiental sejam parte integral de todas as iniciativas de desenvolvimento.
- b. Estabelecer e proteger reservas naturais e da biosfera viáveis, incluindo terras selvagens e áreas marinhas, para proteger os sistemas de sustento à vida da Terra, manter a biodiversidade e preservar nossa herança natural.
- c. Promover a recuperação de espécies e ecossistemas ameaçados.

- d. Controlar e erradicar organismos não-nativos ou modificados geneticamente, que causem dano às espécies nativas e ao meio ambiente e impedir a introdução desses organismos prejudiciais.
- e. Administrar o uso de recursos renováveis como água, solo, produtos florestais e vida marinha, de forma que não excedam às taxas de regeneração e que protejam a saúde dos ecossistemas.
- f. Administrar a extração e o uso de recursos não-renováveis, como minerais e combustíveis fósseis, de forma que minimizem o esgotamento e não causem dano ambiental grave.

6. Prevenir o dano ao ambiente como o melhor método de proteção ambiental e, quando o conhecimento for limitado, assumir uma postura de precaução.

- a. Agir para evitar a possibilidade de danos ambientais sérios ou irreversíveis, mesmo quando o conhecimento científico for incompleto ou não-conclusivo.
- b. Impor o ônus da prova àqueles que afirmarem que a atividade proposta não causará dano significativo e fazer com que as partes interessadas sejam responsabilizadas pelo dano ambiental.
- c. Assegurar que as tomadas de decisão considerem as conseqüências cumulativas, a longo prazo, indiretas, de longo alcance e globais das atividades humanas.
- d. Impedir a poluição de qualquer parte do meio ambiente e não permitir o aumento de substâncias radioativas, tóxicas ou outras substâncias perigosas.
- e. Evitar atividades militares que causem dano ao meio ambiente.

7. Adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário.

- a. Reduzir, reutilizar e reciclar materiais usados nos sistemas de produção e consumo e garantir que os resíduos possam ser assimilados pelos sistemas ecológicos.
- b. Atuar com moderação e eficiência no uso de energia e contar cada vez mais com fontes energéticas renováveis, como a energia solar e do vento.
- c. Promover o desenvolvimento, a adoção e a transferência equitativa de tecnologias ambientais seguras.
- d. Incluir totalmente os custos ambientais e sociais de bens e serviços no preço de venda e habilitar os consumidores a identificar produtos que satisfaçam às mais altas normas sociais e ambientais.
- e. Garantir acesso universal à assistência de saúde que fomente a saúde reprodutiva e a reprodução responsável.
- f. Adotar estilos de vida que acentuem a qualidade de vida e a subsistência material num mundo finito.

8. Avançar o estudo da sustentabilidade ecológica e promover o intercâmbio aberto e aplicação ampla do conhecimento adquirido.

- a. Apoiar a cooperação científica e técnica internacional relacionada à sustentabilidade, com especial atenção às necessidades das nações em desenvolvimento.
- b. Reconhecer e preservar os conhecimentos tradicionais e a sabedoria espiritual em todas as culturas que contribuem para a proteção ambiental e o bem-estar humano.
- c. Garantir que informações de vital importância para a saúde humana e para a proteção ambiental, incluindo informação genética, permaneçam disponíveis ao domínio público.

III. JUSTIÇA SOCIAL E ECONÔMICA

9. Erradicar a pobreza como um imperativo ético, social e ambiental.

- a. Garantir o direito à água potável, ao ar puro, à segurança alimentar, aos solos não contaminados, ao abrigo e saneamento seguro, alocando os recursos nacionais e internacionais demandados.
- b. Prover cada ser humano de educação e recursos para assegurar uma condição de vida sustentável e proporcionar seguro social e segurança coletiva aos que não são capazes de se manter por conta própria.
- c. Reconhecer os ignorados, proteger os vulneráveis, servir àqueles que sofrem e habilitá-los a desenvolverem suas capacidades e alcançarem suas aspirações.

10. Garantir que as atividades e instituições econômicas em todos os níveis promovam o desenvolvimento humano de forma equitativa e sustentável.

- a. Promover a distribuição equitativa da riqueza dentro das e entre as nações.
- b. Incrementar os recursos intelectuais, financeiros, técnicos e sociais das nações em desenvolvimento e liberá-las de dívidas internacionais onerosas.
- c. Assegurar que todas as transações comerciais apoiem o uso de recursos sustentáveis, a proteção ambiental e as normas trabalhistas progressistas.
- d. Exigir que corporações multinacionais e organizações financeiras internacionais atuem com transparência em benefício do bem comum e responsabilizá-las pelas conseqüências de suas atividades.

11. Afirmar a igualdade e a equidade dos gêneros como pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável e assegurar o acesso universal à educação, assistência de saúde e às oportunidades econômicas.

- a. Assegurar os direitos humanos das mulheres e das meninas e acabar com toda violência contra elas.
- b. Promover a participação ativa das mulheres em todos os aspectos da vida econômica, política, civil, social e cultural como parceiras plenas e paritárias, tomadoras de decisão, líderes e beneficiárias.

- c. Fortalecer as famílias e garantir a segurança e o carinho de todos os membros da família.

12. Defender, sem discriminação, os direitos de todas as pessoas a um ambiente natural e social capaz de assegurar a dignidade humana, a saúde corporal e o bem-estar espiritual, com especial atenção aos direitos dos povos indígenas e minorias.

- a. Eliminar a discriminação em todas as suas formas, como as baseadas em raça, cor, gênero, orientação sexual, religião, idioma e origem nacional, étnica ou social.
- b. Afirmar o direito dos povos indígenas à sua espiritualidade, conhecimentos, terras e recursos, assim como às suas práticas relacionadas com condições de vida sustentáveis.
- c. Honrar e apoiar os jovens das nossas comunidades, habilitando-os a cumprir seu papel essencial na criação de sociedades sustentáveis.
- d. Proteger e restaurar lugares notáveis pelo significado cultural e espiritual.

IV. DEMOCRACIA, NÃO-VIOLÊNCIA E PAZ.

13. Fortalecer as instituições democráticas em todos os níveis e prover transparência e responsabilização no exercício do governo, participação inclusiva na tomada de decisões e acesso à justiça.

- a. Defender o direito de todas as pessoas receberem informação clara e oportuna sobre assuntos ambientais e todos os planos de desenvolvimento e atividades que possam afetá-las ou nos quais tenham interesse.

- b. Apoiar sociedades civis locais, regionais e globais e promover a participação significativa de todos os indivíduos e organizações interessados na tomada de decisões.
- c. Proteger os direitos à liberdade de opinião, de expressão, de reunião pacífica, de associação e de oposição.
- d. Instituir o acesso efetivo e eficiente a procedimentos judiciais administrativos e independentes, incluindo retificação e compensação por danos ambientais e pela ameaça de tais danos.
- e. Eliminar a corrupção em todas as instituições públicas e privadas.
- f. Fortalecer as comunidades locais, habilitando-as a cuidar dos seus próprios ambientes, e atribuir responsabilidades ambientais aos níveis governamentais onde possam ser cumpridas mais efetivamente.

14. Integrar, na educação formal e na aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e habilidades necessários para um modo de vida sustentável.

- a. Prover a todos, especialmente a crianças e jovens, oportunidades educativas que lhes permitam contribuir ativamente para o desenvolvimento sustentável.
- b. Promover a contribuição das artes e humanidades, assim como das ciências, na educação para sustentabilidade.
- c. Intensificar o papel dos meios de comunicação de massa no aumento da conscientização sobre os desafios ecológicos e sociais.
- d. Reconhecer a importância da educação moral e espiritual para uma condição de vida sustentável.

15. Tratar todos os seres vivos com respeito e consideração.

- a. Impedir crueldades aos animais mantidos em sociedades humanas e protegê-los de sofrimento.

- b. Proteger animais selvagens de métodos de caça, armadilhas e pesca que causem sofrimento extremo, prolongado ou evitável.
- c. Evitar ou eliminar ao máximo possível a captura ou destruição de espécies não visadas.

16. Promover uma cultura de tolerância, não-violência e paz.

- a. Estimular e apoiar o entendimento mútuo, a solidariedade e a cooperação entre todas as pessoas, dentro das e entre as nações.
- b. Implementar estratégias amplas para prevenir conflitos violentos e usar a colaboração na resolução de problemas para administrar e resolver conflitos ambientais e outras disputas.
- c. Desmilitarizar os sistemas de segurança nacional até o nível de uma postura defensiva não-provocativa e converter os recursos militares para propósitos pacíficos, incluindo restauração ecológica.
- d. Eliminar armas nucleares, biológicas e tóxicas e outras armas de destruição em massa.
- e. Assegurar que o uso do espaço orbital e cósmico ajude a proteção ambiental e a paz.
- f. Reconhecer que a paz é a plenitude criada por relações corretas consigo mesmo, com outras pessoas, outras culturas, outras vidas, com a Terra e com a totalidade maior da qual somos parte.

O CAMINHO ADIANTE

Como nunca antes na História, o destino comum nos conclama a buscar um novo começo. Tal renovação é a promessa destes princípios da Carta da Terra. Para cumprir esta promessa, temos que nos comprometer a adotar e promover os valores e objetivos da Carta.

Isto requer uma mudança na mente e no coração. Requer um novo sentido de interdependência global e de responsabilidade universal. Devemos desenvolver e aplicar com imaginação a visão de um modo de vida sustentável nos níveis local, nacional, regional e global. Nossa diversidade cultural é uma herança preciosa e diferentes culturas encontrarão suas próprias e distintas formas de realizar esta visão. Devemos aprofundar e expandir o diálogo global que gerou a Carta da Terra, porque temos muito que aprender a partir da busca conjunta em andamento por verdade e sabedoria.

A vida muitas vezes envolve tensões entre valores importantes. Isto pode significar escolhas difíceis. Entretanto, necessitamos encontrar caminhos para harmonizar a diversidade com a unidade, o exercício da liberdade com o bem comum, objetivos de curto prazo com metas de longo prazo. Todo indivíduo, família, organização e comunidade têm um papel vital a desempenhar. As artes, as ciências, as religiões, as instituições educativas, os meios de comunicação, as empresas, as organizações não-governamentais e os governos são todos chamados a oferecer uma liderança criativa. A parceria entre governo, sociedade civil e empresas é essencial para uma governabilidade efetiva.

Para construir uma comunidade global sustentável, as nações do mundo devem renovar seu compromisso com as Nações Unidas, cumprir com suas obrigações, respeitando os acordos internacionais existentes e apoiar a implementação dos princípios da Carta da Terra com um instrumento internacionalmente legalizado e contratual sobre o ambiente e o desenvolvimento.

Que o nosso tempo seja lembrado pelo despertar de uma nova reverência face à vida, pelo compromisso firme de alcançar a sustentabilidade, a intensificação dos esforços pela justiça e pela paz e a alegre celebração da vida.

ANEXO

II

CARTA DA ECOPEDAGOGIA

Em defesa de uma Pedagogia da Terra

A CARTA DA TERRA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO

(Minuta de discussão do Movimento pela Ecopedagogia)

1. Nossa Mãe Terra é um organismo vivo e em evolução. O que for feito a ela repercutirá em todos os seus filhos. Ela requer de nós uma consciência e uma cidadania planetárias, isto é, o reconhecimento de que somos parte da Terra e de que podemos perecer com a sua destruição ou podemos viver com ela em harmonia, participando do seu devir.
2. A mudança do paradigma economicista é condição necessária para estabelecer um desenvolvimento com justiça e equidade. Para ser sustentável, o desenvolvimento precisa ser economicamente factível, ecologicamente apropriado, socialmente justo, incluyente, culturalmente equitativo, respeitoso e sem discriminação. O bem-estar não pode ser só social; deve ser também sócio-cósmico.
3. A sustentabilidade econômica e a preservação do meio ambiente dependem também de uma consciência ecológica e esta da educação. A sustentabilidade deve

ser um princípio interdisciplinar reorientador da educação, do planejamento escolar, dos sistemas de ensino e dos projetos político-pedagógicos da escola. Os objetivos e conteúdos curriculares devem ser significativos para o(a) educando(a) e também para a saúde do planeta.

4. A ecopedagogia, fundada na consciência de que pertencemos a uma única comunidade da vida, desenvolve a solidariedade e a cidadania planetárias. A cidadania planetária supõe o reconhecimento e a prática da planetaridade, isto é, tratar o planeta como um ser vivo e inteligente. A planetaridade deve levar-nos a sentir e viver nossa cotidianidade em conexão com o universo e em relação harmônica consigo, com os outros seres do planeta e com a natureza, considerando seus elementos e dinâmica. Trata-se de uma opção de vida por uma relação saudável e equilibrada com o contexto, consigo mesmo, com os outros, com o ambiente mais próximo e com os demais ambientes.

5. A partir da problemática ambiental vivida cotidianamente pelas pessoas nos grupos e espaços de convivência e na busca humana da felicidade, processa-se a consciência ecológica e opera-se a mudança de mentalidade. A vida cotidiana é o lugar do sentido da pedagogia pois a condição humana passa inexoravelmente por ela. A ecopedagogia implica numa mudança radical de mentalidade em relação à qualidade de vida e ao meio ambiente, que está diretamente ligada ao tipo de convivência que mantemos com nós mesmos, com os outros e com a natureza.

6. A ecopedagogia não se dirige apenas aos educadores, mas a todos os cidadãos do planeta. Ela está ligada ao projeto utópico de mudança nas relações humanas, sociais e ambientais, promovendo a educação sustentável (ecoeducação) e ambiental com base no pensamento crítico e inovador, em seus modos formal, não formal e informal, tendo como propósito a formação de cidadãos com consciência local e planetária que

valorizem a autodeterminação dos povos e a soberania das nações.

7. As exigências da sociedade planetária devem ser trabalhadas pedagogicamente a partir da vida cotidiana e da subjetividade, isto é, a partir das necessidades e interesses das pessoas. Educar para a cidadania planetária supõe o desenvolvimento de novas capacidades, tais como: sentir, intuir, vibrar emocionalmente; imaginar, inventar, criar e recriar; relacionar e inter-conectar-se, auto-organizar-se; informar-se, comunicar-se, expressar-se; localizar, processar e utilizar a imensa informação da aldeia global; buscar causas e prever conseqüências; criticar, avaliar, sistematizar e tomar decisões. Essas capacidades devem levar as pessoas a pensar e agir processualmente, em totalidade e transdisciplinarmente.

8. A ecopedagogia tem por finalidade reeducar o olhar das pessoas, isto é, desenvolver a atitude de observar e evitar a presença de agressões ao meio ambiente e aos vivos, o desperdício, a poluição sonora e visual, a poluição da água e do ar etc. para intervir no mundo no sentido de reeducar o habitante do planeta e reverter a cultura do descartável. Experiências cotidianas aparentemente insignificantes, como uma corrente de ar, um sopro de respiração, a água da manhã na face fundamentam as relações consigo mesmo e com o mundo. A tomada de consciência dessa realidade é profundamente formadora. O meio ambiente forma tanto quanto ele é formado ou deformado. Precisamos de uma ecoformação para recuperarmos a consciência dessas experiências cotidianas. Na ânsia de dominar o mundo, elas correm o risco de desaparecer do nosso campo de consciência se a relação que nos liga a ele for apenas uma relação de uso.

9. Uma educação para a cidadania planetária tem por finalidade a construção de uma cultura da sustentabilidade, isto é, uma biocultura, uma cultura da vida, da convivência harmônica entre os seres humanos e entre estes e a natureza. A cultura da

sustentabilidade deve nos levar a saber selecionar o que é realmente sustentável em nossas vidas, em contato com a vida dos outros. Só assim seremos cúmplices nos processos de promoção da vida e caminharemos com sentido. Caminhar com sentido significa dar sentido ao que fazemos, compartilhar sentidos, impregnar de sentido as práticas da vida cotidiana e compreender o sem sentido de muitas outras práticas que aberta ou solapadamente tratam de impor-se e sobrepor-se a nossas vidas cotidianamente.

10. A ecopedagogia propõe uma nova forma de governabilidade diante da ingovernabilidade do gigantismo dos sistemas de ensino, propondo a descentralização e uma racionalidade baseadas na ação comunicativa, na gestão democrática, na autonomia, na participação, na ética e na diversidade cultural. Entendida dessa forma, a ecopedagogia se apresenta como uma nova pedagogia dos direitos que associa direitos humanos – econômicos, culturais, políticos e ambientais - e direitos planetários, impulsionando o resgate da cultura e da sabedoria popular. Ela desenvolve a capacidade de deslumbramento e de reverência diante da complexidade do mundo e a vinculação amorosa com a Terra.

Primeiro Encontro Internacional - São Paulo, 23 a 26 de agosto de 1999.

Organização: Instituto Paulo Freire - Apoio: Conselho da
Terra e UNESCO-Brasil

ANEXO

III

CARTA DA TRANSDISCIPLINARIDADE

(Elaborada no Primeiro Congresso Mundial da Transdisciplinaridade, Convento de Arrábida, Portugal, 2-6 novembro 1994)

Preâmbulo

Considerando que a proliferação atual das disciplinas acadêmicas conduz a um crescimento exponencial do saber que torna impossível qualquer olhar global do ser humano;

Considerando que somente uma inteligência que se dá conta da dimensão planetária dos conflitos atuais poderá fazer frente à complexidade de nosso mundo e ao desafio contemporâneo de autodestruição material e espiritual de nossa espécie;

Considerando que a vida está fortemente ameaçada por uma tecnociência triunfante que obedece apenas à lógica assustadora da eficácia pela eficácia;

Considerando que a ruptura contemporânea entre um saber cada vez mais acumulativo e um ser interior cada vez mais empobrecido leva à ascensão de um novo obscurantismo, cujas conseqüências sobre o plano individual e social são incalculáveis;

Considerando que o crescimento do saber, sem precedentes na história, aumenta a desigualdade entre seus detentores e os que são desprovidos dele, engendrando assim desigualdades crescentes no seio dos povos e entre as nações do planeta;

Considerando simultaneamente que todos os desafios enunciados possuem sua contrapartida de esperança e que o crescimento extraordinário do saber pode conduzir a uma mutação comparável à evolução dos homínídeos à espécie humana;

Considerando o que precede, os participantes do Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade (Convento de Arrábida, Portugal 2 - 7 de novembro de 1994) adotaram o presente Protocolo, entendido como um conjunto de princípios fundamentais da comunidade de espíritos transdisciplinares, constituindo um contrato moral que todo signatário deste Protocolo faz consigo mesmo, sem qualquer pressão jurídica e institucional.

Artigo 1:

Qualquer tentativa de reduzir o ser humano a uma mera definição e de dissolvê-lo nas estruturas formais, sejam elas quais forem, é incompatível com a visão transdisciplinar.

Artigo 2:

O reconhecimento da existência de diferentes níveis de realidade, regidos por lógicas diferentes é inerente à atitude transdisciplinar. Qualquer tentativa de reduzir a realidade a um único nível regido por uma única lógica não se situa no campo da transdisciplinaridade.

Artigo 3:

A transdisciplinaridade é complementar à aproximação disciplinar: faz emergir da confrontação das disciplinas dados novos que as articulam entre si; oferece-nos uma nova visão da natureza e da realidade. A transdisciplinaridade não procura o domínio sobre as várias outras disciplinas, mas a abertura de todas elas àquilo que as atravessa e as ultrapassa.

Artigo 4:

O ponto de sustentação da transdisciplinaridade reside na unificação semântica e operativa das acepções através e além das disciplinas. Ela pressupõe uma racionalidade aberta, mediante um novo olhar sobre a relatividade das noções de “definição” e de “objetividade”. O formalismo excessivo, a rigidez das definições e o absolutismo da objetividade, comportando a exclusão do sujeito, levam ao empobrecimento.

Artigo 5:

A visão transdisciplinar é resolutamente aberta, na medida em que ultrapassa o campo das ciências exatas devido ao seu diálogo e sua reconciliação, não somente com as ciências humanas, mas também com a arte, a literatura, a poesia e a experiência espiritual.

Artigo 6:

Com a relação à interdisciplinaridade e à multidisciplinaridade, a transdisciplinaridade é multirreferencial e multidimensional. Embora levando em conta os conceitos de tempo e de história, a transdisciplinaridade não exclui a existência de um horizonte transhistórico.

Artigo 7:

A transdisciplinaridade não constitui nem uma nova religião, nem uma nova filosofia, nem uma nova metafísica, nem uma ciência das ciências.

Artigo 8:

A dignidade do ser humano é também de ordem cósmica e planetária. O surgimento do ser humano sobre a Terra é uma das etapas da história do Universo. O reconhecimento da Terra como pátria é um dos imperativos da transdisciplinaridade. Todo ser humano tem direito a uma nacionalidade, mas, a título de habitante da Terra, ele é ao mesmo tempo um ser transnacional. O reconhecimento pelo direito internacional de uma dupla cidadania – referente a uma nação e a Terra - constitui um dos objetivos da pesquisa transdisciplinar.

Artigo 9:

A transdisciplinaridade conduz a uma atitude aberta em relação aos mitos, às religiões e àqueles que os respeitam num espírito transdisciplinar.

Artigo 10:

Não existe um lugar cultural privilegiado de onde se possam julgar as outras culturas. A abordagem transdisciplinar é ela própria transcultural.

Artigo 11:

Uma educação autêntica não pode privilegiar a abstração no conhecimento. Deve ensinar a contextualizar, concretizar e globalizar. A educação transdisciplinar reavalia o papel da intuição, da imaginação, da sensibilidade e do corpo na transmissão dos conhecimentos.

Artigo 12:

A elaboração de uma economia transdisciplinar está baseada no postulado de que a economia deve estar a serviço do ser humano e não o inverso.

Artigo 13:

A ética transdisciplinar recusa toda atitude que se negue ao diálogo e à discussão, seja qual for sua origem - de ordem ideológica, científica, religiosa, econômica, política ou filosófica. O saber compartilhado deveria conduzir a uma compreensão compartilhada, baseada no respeito absoluto das diferenças entre os seres unidos pela vida comum sobre uma única e mesma Terra.

Artigo 14:

Rigor, abertura e tolerância são características fundamentais da atitude e da visão transdisciplinar. O rigor na argumentação, que leva em conta todos os dados, é a melhor barreira contra possíveis desvios. A abertura comporta a aceitação do desconhecido, do inesperado e do imprevisível. A tolerância é o reconhecimento do direito às idéias e verdades contrárias às nossas.

Artigo final:

A presente Carta Transdisciplinar foi adotada pelos participantes do Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, que não reivindicam nenhuma outra autoridade exceto a do seu próprio trabalho e da sua própria atividade.

Segundo os procedimentos que serão definidos de acordo com as mentes transdisciplinares de todos os países, esta *Carta* está aberta à assinatura de qualquer ser humano interessado em promover nacional, internacional e transnacionalmente as medidas progressivas para a aplicação destes artigos na vida cotidiana.

Convento de Arrábida, 6 de novembro de 1994.

Comitê de Redação

Lima de Freitas, Edgar Morin e Basarab Nicolescu.

BIBLIOGRAFIA

GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis, 2000. Série Brasil Cidadão. 2ª edição.

GUTIÉRREZ, Francisco e PRADO, Cruz. *Ecopedagogia e cidadania planetária*. São Paulo: Cortez, .2008. 4ª edição.

MORIN, Edgar. *Os sete Saberes necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez, 2003. 8ª edição.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2009. 18ª edição.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2007. 23ª edição.

WWW.CETRANS.FUTURO.USP.BR

WWW.PAULOFREIRE.ORG

WWW.INSTITUTOPAULOFREIRE.COM.BR

WWW.LEONARDO BOFF.COM/SITE/LBOFF.HTM

WWW.CARTADATERRABRASIL.ORG/PRT/TEXT.HTML